

Retratos da tolerância/intolerância na arte de Israel

Portraits of Tolerance/Intolerance in Israeli Art

Ana Szpiczkowski*

Resumo: No que se refere à história de Israel, destaco a arte apresentada no livro publicado em nome de Gilad Schalit, soldado israelense sequestrado em 2006, pelo grupo palestino Hamas, e que permanece desaparecido. O livro contempla um conto escrito por Schalit aos onze anos de idade, em que ele, de modo metafórico, aborda a questão do entendimento entre os desiguais, entre o forte e o mais fraco. O livro contém ilustrações criadas por artistas israelenses, e vem servindo de instrumento para o debate e criação artística junto a outras crianças sobre o tema nele abordado. Ambas as criações, de Itzhak Belfer e de Gilad Schalit, embora aparentemente tratem de questões distintas, vêm se completar, e tem a função educacional transformadora de alertar a sociedade dos perigos da intolerância e conduzi-la à busca de caminhos alternativos para a tolerância e para o entendimento entre os homens.

Palavras-chave: Shoah. Sociedade Israelense. Expressão Artística.

Abstract: In reference to Israel's history, I stand out the work presented in the book published in name of Gilad Schalit, an Israeli soldier, still missing after being kidnapped in 2006 by the Palestine group *Hamas*. The book brings a tale written by Schalit when he was eleven years old, in which, by a metaphoric way, he approaches the matter of understanding between the odds, between the strongest and the weakest. The book has illustrations created by Israeli illustrators, and has been useful as an instrument for the debate and artistic creation among children about the theme it carries. Both creations, from Itzhak Belfer and Gilad Schalit, although they seem to handle distinct matters, complete themselves, and have the educational transforming function of alerting society of the dangers of intolerance and conduct society to search alternative ways towards tolerance and understanding among mankind.

Keywords: Shoah. Israeli Society. Artistic Expression.

A intolerância na história da humanidade é recorrente, e se torna, com frequência, agressiva e, até mesmo, assassina no seu ódio à diversidade alheia. Em nome de diferentes motivações, dentre elas as questões econômicas, políticas, culturais, étnicas, raciais e religiosas, a intolerância se manifesta especialmente nas formas de guerra, terrorismo, perseguições e sequestros.

Dentre as diferentes manifestações de intolerância no mundo atual há que se destacar a *Shoah*, o holocausto judaico, ocorrido durante a Segunda Guerra Mundial, em que, juntamente com outras minorias, cerca de seis milhões de judeus foram perseguidos e barbaramente assassinados pelo regime totalitário nazista. Aos sobreviventes da maior barbárie do século XX cabe o papel de preservar a memória daqueles que se foram, e não permitir o esquecimento do passado, como gostariam os negacionistas do Holocausto. Um dos sobreviventes, Itzhak Belfer, artista plástico, nascido na Polônia e que reside em Israel, busca por intermédio da sua arte, mostrar os horrores vividos pelos judeus neste período. Belfer retrata, também, a Janusz Korczak, judeu polonês, médico, educador, jornalista e escritor, que dirigiu um orfanato para crianças judias, em Varsóvia, também no gueto, onde o próprio Belfer cresceu e se educou.

Ainda em Israel, Gilad Schalit escreveu um livro aos onze anos, em que aborda a questão da tolerância e da busca de entendimento entre os desiguais. Por ironia do destino Schalit, foi seqüestrado pelo grupo palestino Hamas, em junho de 2006, aos vinte anos de idade, e assim permanece até hoje. Seu

livro, que trata do relacionamento entre um peixe e um tubarão, serve de inspiração para artistas israelenses, membros da União dos Ilustradores de Israel, que ilustraram o livro, quando este foi publicado, em 2007. O conto escrito por Schalit é, atualmente, debatido com crianças de onze anos de várias partes do mundo, quando estas recontam a história expressando-se por meio de pinturas, e expondo os seus trabalhos.

As expressões artísticas de Belfer e de Schalit, embora aparentemente distintas entre si, abordam a mesma temática, relacionada à tolerância e intolerância entre os povos, e por isso merecem a nossa análise.

Encontrei-me pela primeira vez com Itzhak Belfer, na sua residência, para que ele, antigo aluno do orfanato dirigido por Korczak, me concedesse uma entrevista. Itzhak Belfer nasceu em Varsóvia, na Polônia em 1923. Nascido em uma família extremamente pobre, em 1930 sua mãe o encaminhou para o orfanato para crianças judias, dirigido por Janusz Korczak, sendo que ele foi fortemente influenciado por Korczak e pelo processo democrático-educativo que lá vigorava, representado pela autogestão das crianças. Belfer me relatou que ainda criança no orfanato, seu interesse pelas artes já se manifestara, tendo sido lá incentivado ao desenho e à pintura. Em 1938, ao atingir a idade de quinze anos, teve que abandonar o orfanato (a idade limite para a permanência no orfanato era de quatorze anos). Após a conquista de Varsóvia pelos alemães, no início da Segunda Guerra Mundial e do estabelecimento do Gueto, fugiu para a Rússia, através das florestas polonesas. Ao final da guerra, retornou à Varsóvia e à dura realidade da extinção do judaísmo polonês. Em 1947, como imigrante ilegal em Israel ele foi deportado pelos britânicos para Chipre, onde estudou pintura e escultura e enfrentou pintando o inverno rigoroso dos campos de prisioneiros. Ao retornar para Israel, continuou seus estudos no Instituto Avni de Pintura e Escultura e ainda dedicou dois anos aos estudos da História da Arte. Em 1965, foi aceito como membro da Associação de Artistas e Escultores e promoveu cursos na municipalidade de Tel Aviv. Em 1972, tornou-se professor de pintura na Universidade de Tel Aviv.

De 1967 a 2003, Belfer participou de dezesseis exposições, entre individuais e coletivas, tendo sido agraciado, em 1980, com o prêmio Nahum Gutman, relativo à temática do Holocausto. Em 1971, publicou um livro com uma coleção de Pinturas e Desenhos, intitulado *The Holocaust Book, O livro do Holocausto*, que recebeu uma segunda edição em 1995. No ano de 2000, publicou *August 5, 1942, 5 de agosto de 1942*, em memória à jornada final de Janusz Korczak, Stefa Vilczynska e as crianças, quando foram levados para Treblinka, onde foram mortos. A temática do Holocausto faz-se, assim, bastante presente na obra de Belfer, tanto em desenhos, como em escultura e pintura.

Aparentemente, Arte e Holocausto são conceitos conflitantes entre si, pois pertencem, à primeira vista, a mundos distintos. A arte, supostamente preocupada com a beleza estética e com a expressão pessoal, se torna impotente para lidar com os terríveis e avassaladores fatos do Holocausto - em que cerca de seis milhões de judeus foram assassinados de maneira desumana, e cria uma estética que provoca emoções negativas.

O artista que retrata o Holocausto, tem que superar as limitações físicas e estéticas que o tema impõe, tratando das angustiantes condições do Gueto, do sofrimento de mães por seus filhos, da fome e da morte. Belfer assim se expressa: "Sempre que eu tentei pôr na tela ou no papel os horrores do Holocausto, ou precisei encontrar uma expressão para eles, eu me corroi pela dúvida, será isto possível? Pode o artista, eventualmente, expressar o terror e o medo, o inimaginável, a realidade desumana da perseguição e do ódio abismal daqueles tempos?"¹A arte expressionista de Belfer, assim como de outros artistas com ênfase nesta temática, vai além da estética ou de auto-expressão. Ela assume o papel de preservação da memória, pessoal e individual, pela própria experiência vivida, e de resguardar a memória coletiva e histórica de um povo, embutida e registrada na expressão do artista. O "Holocausto pertence ao tipo de evento em que o silêncio é imposto sobre o indivíduo. Cada

direção, cada declaração, cada “resposta”, são menores, sem nenhum valor, e se tornam por vezes ridículos”.²

Belfer, assim como os demais artistas que tentam lidar mais tarde, muito tempo depois dos acontecimentos, com o Holocausto, têm-se centrado mais na memória visual registrada na mente através das experiências vividas. A expressão artística dos que sobreviveram ao Holocausto pode, de acordo com Arnon,³ representar um impulso para olhar para o passado, e a experiência de catarse para o fim de seus dias. Ela pode, também, prossegue o autor, servir de instrumento educacional para as próximas gerações, pois a arte permite “lembrar e saber que aquilo que parece ser irreal e impossível de atingir pelo homem contra o homem, é possível em realidade. Isto aconteceu no passado e pode acontecer novamente no futuro, entre a humanidade em geral, e contra o povo judeu, em particular”.⁴ é preciso impressionar, para despertar e educar, para reviver e recordar, afirma Arnon. Nessa perspectiva, o artista assume, também, o papel de educador.

A função educativa de Belfer se manifesta na sua arte, também pela homenagem que ele presta a Korczak, por quem ele tem um profundo respeito e gratidão pela educação que recebeu no orfanato. Korczak acreditava na criança e no poder transformador da sua educação e Belfer consegue trazer essa mensagem na sua criação artística. Quando Belfer retrata a Korczak com um olhar bondoso e brilhante, rodeado de crianças alegres, ele demonstra crer na educação praticada pelo educador e nos valores que este perpetrava para a construção de uma sociedade melhor. Assim, se por um lado Belfer denuncia o mundo cruel do Holocausto e desperta a crítica relativa à intolerância e à morte, em que Korczak, Stefa e “suas crianças” foram vítimas, sua obra traz consigo uma mensagem de esperança e de crença no homem.

Meu primeiro encontro com as obras de Itzhak Belfer aconteceu quando compareci à sua residência para entrevistá-lo.

Desenhos em preto e branco



Ilustração do livro sobre Korczak (1).



Ilustração do livro sobre Korczak (2).



Refugiados.



No gueto.



Crianças no gueto.



Vagões da morte.



No campo de extermínio.



Tumba de irmãos.

Esculturas



Janusz Korczak.



Pai dos órfãos.



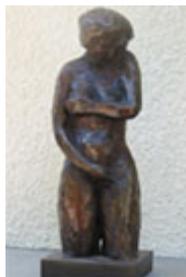
Korczak as crianças.



Desespero.



Perdidos no gueto.



No caminho para a aniquilação.



O grito.



Deportação



Prisioneiro do campo de extermínio.



Deportação.

Pinturas



Deportação do orfanato.



No gueto em homenagem para Stefania.



Janusz Korczak – o autor.



Korczak – retrato.



Com as crianças.



Korczak e as crianças.



Pogrom,⁵ destruição, em russo



Aflição.



Perdidos no gueto.



Deportação do pequeno gueto.

Outro tipo de expressão artística israelense a qual gostaria de me referir trata da intolerância nos dias de hoje. Trata-se de um conto escrito por Gilad Schalit, quando tinha apenas onze anos de idade. O conto narra o encontro entre um peixe e um tubarão, que embora inimigos, e diferentes entre si, acabam por se entender. Nele, Schalit expressa, por simbolismos, a vontade e a esperança pelo entendimento entre os homens. Ironicamente, aos vinte anos de idade, enquanto soldado israelense, Gilad Schalit foi sequestrado em 25 de junho de 2006 pelo grupo palestino Hamas, e permanece até hoje⁶ em poder do inimigo. O conto escrito por ele transformou-se em livro, ilustrado por renomados artistas plásticos israelenses.

Conheci o seu livro por ocasião da abertura da 7^a. Conferência Internacional sobre o Legado Educacional de Janusz Korczak – como uma Chave para a Resolução de Conflitos, na *Mikhlelet Galil Hamaaravi*,⁷ perto de Acre, em Israel, no início de novembro de 2008. As pinturas que ilustram o livro estavam expostas no saguão. Na ocasião a mãe de Schalit, Aviva Schalit, fez um apelo público para que o governo israelense não economize esforços para a libertação de seu filho. Ela estava acompanhada da mãe de um dos soldados capturados e assassinados pelo *Hizbollah*,⁸ em demonstração de uma união que se deu em nome da intolerância que vitimou os seus filhos e que destruiu suas famílias. O livro de Gilad Schalit trata de relacionamentos entre dois animais marinhos, um peixe e um tubarão, que por natureza são inimigos. Seu subtexto aborda a intolerância entre os desiguais e propõe um diálogo entre eles baseado na aceitação das diferenças e respeito pelo próximo. Esse livro acompanha a exposição itinerante das ilustrações que o compõem, e serve de inspiração para o movimento mundial artístico infantil,⁹ que promove encontros com crianças de onze anos de idade, mesma idade que tinha Schalit, ao escrever o conto. Nesses encontros, é feita a leitura ou a narração do texto de Schalit (o livro já foi traduzido para diversas línguas), acompanhado por debates e pela expressão artística das crianças.

Em seu conto (apresentado abaixo, com minha tradução livre para o português) Schalit expõe em sua narrativa uma visão de mundo idealizada, em que opositores e inimigos podem encontrar-se, em um verdadeiro Encontro Dialógico, do Eu-Tu, como diria Buber. Um encontro em que o homem não se diferencia como Eu, pois prevalece a atitude existencial do face a face, em que o Eu não existe sem o Tu; um encontro não programado, que simplesmente acontece distante de doutrinas e sistemas, em que há disponibilidade e respeito para a aceitação das diferenças.¹⁰

Enquanto criança, Schalit nos mostrou o quanto podemos confiar nas crianças. Basta que se lhes dê a chance de, por meio de uma educação baseada no respeito, aceitação, confiança e amor, ela aprenda a exercer sua autonomia para uma vida em sociedade, para a retidão, para a justiça, para o respeito mútuo e para o respeito ao trabalho. Schalit, na ingenuidade dos seus onze anos, nos apontou que é possível, como nos ensina Korczak¹¹ depositar na criança a esperança de um mundo onde não há violência, um mundo de responsabilidade social, participativo, colaborador e cooperativo. Um mundo democrático e sem arbitrariedade, em que adultos e crianças têm direitos e deveres. Um mundo de diálogo, onde não existe o castigo físico.

Ironicamente, a visão quase que sonhadora de Schalit, homenageado em um congresso sobre Janusz Korczak, demonstra que ele, já aos onze anos, à semelhança de Korczak, acreditava na construção de um mundo melhor. Um mundo em que a tolerância pela diversidade impera e onde a intolerância não encontra lugar.

Palavras de Korczak: “A igualdade é uma mentira. Enquanto um se sente bem, o outro se cala, mentalmente ou entre dentes. Um, saudável, forte, bonito, feliz, ágil, canta e fala muito; o outro, fraco, rude, feio, desagradável. O primeiro quer e pode, o segundo, pode e não quer, o terceiro, quer e não pode. Não há solução para isso. As pessoas são diferentes, querem e sentem de modo distinto; “A criança é uma pessoa, é preciso respeitar igualmente a pessoa boa e a pessoa má. Se você respeitar a criança boa, ela irá ajudá-lo; se ajudar a criança má, ela não o atrapalhará. Se você ama a criança boa, comece finalmente, a amar também a criança má. Como isso acontece? Não sei, isso vem naturalmente, não há explicação para isso.”; “Uma criança, um mundo grandioso e amplo. Duas crianças, três mundos: o mundo de cada uma das crianças e outro das duas juntas. Três crianças não são somente uma e mais uma e mais uma. Junto as três, a primeira e a segunda juntas, a primeira e a terceira juntas, a segunda e a terceira juntas e o mundo de todas juntas. E eis que você tem sete mundos, falta de vontade, coleguismo, brigas, alegria, tristeza. Saia e veja quantos mundos estão ocultos em dez, vinte, trinta crianças, vários e difíceis mundos. Você só, sem a ajuda das crianças, não conhecerá esses mundos e, então, sua tarefa de ensinar não terá êxito.”¹²

Schalit jamais poderia imaginar que iria tornar-se o protagonista de sua narrativa, escrita nove anos antes do seu seqüestro. Ele nem ao menos sabe da publicação da mesma. Objeto de barganhas, brigas, desentendimentos e conflitos, Gilad é o peixe de sua história, vítima do tubarão que, na sua voracidade, engole, torna refém. A mágica de seu conto reside justamente na sua forma simples de abordar a questão da intolerância. Trazida à atualidade, sua narrativa reflete a realidade do escritor, e a realidade do Estado de Israel.

Gilad Schalit foi sequestrado por grupos armados palestinos, durante uma ação na fronteira da Faixa de Gaza. Desde então, Israel sofre grandes pressões da opinião pública do país pela libertação do soldado. No entanto, o Hamas deu a entender várias vezes que só entregará o soldado em troca da libertação de centenas de palestinos prisioneiros em Israel.

A história de Schalit nos remete à Bíblia, nas passagens de Daniel na cova dos leões (Dn 6) e de David que enfrenta Golias (Sm 1:17). Em ambas as histórias, o mais fraco luta e vence os mais fortes. Pela narrativa de Schalit podemos perceber que ele crê nas possibilidades de Encontro entre os diferentes. Mas para isso, nos ensina ele, é preciso se aproximar do Outro, conviver com o Outro, conhecer o Outro e aprender a respeitar o Outro, quando “O lobo habitará com o cordeiro, e o leopardo se deitará junto ao cabrito; o bezerro, o leão novo e o animal cevado andarão juntos, e um pequenino os guiará”. (Is 11:6).

Apesar dos conflitos de interesses e aparentes desacordos entre o peixe e o tubarão, e as diferenças na sua história e tradição, Schalit nos aponta para a possibilidade de paz entre eles. Basta, para isso, conhecer, entender e respeitar o Outro. Como poderão nossos filhos e netos aprender a Tolerar em um mundo bárbaro como este que vivemos, em que perseguições, atrocidades, guerras e lutas são a tônica da sociedade?

É preciso educar para a tolerância. Enquanto famílias, escolas e a sociedade de um modo geral agem para que o diferente seja aniquilado e extirpado, continuaremos a viver em um mundo sangrento como o atual. Porque o futuro da sociedade está nas crianças de hoje. é preciso investir nas crianças! é preciso educá-las para a aceitação do diferente, para que juntos possam construir um mundo melhor.

A arte, por seu potencial transformador, pode ser um dos caminhos para esta construção. A arte de Itzhak Belfer e a arte de Gilad Schalit e seus ilustradores, embora aparentemente diferentes entre si, se completam. Itzhak Belfer expressa a realidade. Gilad Schalit expressa a esperança. Ambos anseiam pelo cessar da intolerância e por abrir caminhos para novos tempos. Não podemos, entretanto, só acreditar e, ingenuamente, não exigir o mesmo da outra parte, sob o perigo de sofrer a decepção. A dura realidade da sociedade atual nos impõe a necessidade de ficarmos alertas aos movimentos dos nossos interlocutores, por vezes intolerantes e discriminatórios. Nestes casos é importante que deixemos de lado os ideais humanitários, da tolerância, e se necessário for, nos defender dos ataques inimigos.

Para Gilad Schalit faço uso da profecia de Jeremias: “pois os teus filhos voltarão da terra do inimigo” (Jr 31:16). Para Itzhak Belfer destaco a crescente onda de antissemitismo e a presença de neonazistas na sociedade atual, demonstrando que ainda e sempre é preciso denunciar, resistir e ter esperança. Aos artistas, repito as palavras escritas por Gadamer: “todo encontro com a linguagem da arte é um encontro com um acontecimento inacabado, sendo ela mesma uma parte desse acontecimento”.¹³

Quando o Tubarão e o Peixe se encontraram pela primeira vez¹⁴

No coração do oceano silencioso nadava um peixe pequeno e delicado. De repente, o peixe viu um tubarão que queria devorá-lo. Ele começou a nadar depressa, e o tubarão também. De repente, o peixe parou e disse ao tubarão: Por que você quer me devorar? Nós podemos brincar juntos. O tubarão pensou, pensou e pensou e disse: Tudo bem, nós podemos brincar escondidos. O tubarão e o peixe brincaram durante todo o dia até o pôr do sol. À noite, o tubarão voltou para sua casa. Sua mãe perguntou-lhe: Como foi seu dia, tubarão querido? O tubarão respondeu: Hoje eu não devorei animais, mas brinquei com um animal que se chama Peixe. Peixe é o animal que nós comemos. Não brinque com ele! Disse-lhe sua mãe. Também na casa do peixe aconteceu a mesma coisa. Como vai você peixe pequeno, como foi seu dia no oceano? Perguntou a mãe do peixe. O peixe respondeu: Hoje brinquei com um animal que se chama Tubarão. Tubarão é o animal que devorou seu pai e seu irmão! Não brinque com esse animal, respondeu-lhe. No dia seguinte, no coração do oceano, não se encontrava nem o tubarão nem o peixe. Durante muitos dias eles não se encontraram, semanas, meses. Certo dia, eles se encontraram. Cada um fugiu rapidamente para sua mãe. Após um ano inteiro saiu o tubarão para nadar agradavelmente e o peixe fez o mesmo. Eles se encontraram pela terceira vez e então o tubarão disse: você é meu inimigo, mas quem sabe podemos nos acertar. Eles brincaram escondidos durante dias, semanas, meses, até que um dia o tubarão e o peixe foram juntos conversar com a mãe do peixe, e o mesmo fizeram com a mãe do tubarão. E desde então os tubarões e os peixes vivem em paz.

Ilustrações



***Ana Szpiczkowski** é Doutora em Semiótica e Linguística Geral pela Universidade de São Paulo, professora do Curso de Pós-Graduação em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas, do DLO/FFLCH/USP e pesquisadora do Laboratório de Estudos sobre a Intolerância, LEI, da Universidade de São Paulo.

Notas

¹ Belfer, In: The Holocaust. Disponível em <<http://www.ibelfer.com>>

² Appelfeld, citado por Rosemberg, Pnina. In: *Hitmodedut Hakhazutit im Zicaron Hashoa 1945. Como lidar com a memória visual do Holocausto 1945*. Disponível em: <www.amalnet.k12.il/sites/art/articles/artc0007.rtf>.

³ Yosef Arnon, escritor, admirador e colaborador de Janusz Korczak, escreveu diversos livros sobre educação e, especificamente, sobre Janusz Korczak.

⁴ Artigo de Yossef Arnon publicado no site doartista plástico Itzhak Belfer.

⁵ Destruição, em russo. Termo usado especificamente para ataques a judeus ou a bairros judeus de cidades ou aldeias. Os pogroms constituíram uma parte muito freqüente da experiência judaica na Europa oriental do período pré-nazista e, de fato, mesmo após o Holocausto, refugiados que retornavam a suas casas foram massacrados por gentios locais, na Polônia, em 1946.

⁶ Na data de 03/03/2010.

⁷ Universidade da Região Ocidental de Israel.

⁸ Os corpos de Udi Goldwasser e Eldad Reguev foram devolvidos pelo Hizbollah a Israel em 16 de junho de 2008, após 735 dias de incertezas e negociações.

⁹ Projeto Comunitário do Centro de Arte Cultura e Sociedade "The Edge - Hakatse", Naharya, Israel.

¹⁰ BUBER, 1979.

¹¹ KORCZAK, 1974, 1978, 1986.

¹² KORCZAK, 1978, p. 302-303.

¹³ Gadamer, 2004, p. 151.

¹⁴ Tradução livre do conto de Gilad Schalit, por mim realizada, seguida pelas ilustrações nele contidas.

Referências

Arnon, Y. *The cry of the artist* (O grito do artista). Disponível em: <http://www.ibelfer.com/>. Acesso em 03/03/2010.

Belfer, I. *The Holocaust* (O Holocausto). Disponível em: <http://www.ibelfer.com/>. Acesso em 03 mar. 2010.

Buber, M. *Eu e TU*. Int. e notas Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Cortez e Moraes, 2ª. ed. rev. 1979.

KORCZAK, J. *Diário do Gueto*. Tradução de Jorge Rochlitz. São Paulo: Perspectiva, 1986.

KORCZAK, J. *Dat Hayeled* (Religião da criança). Guetto Fighter's House Ltda., 1978.

KORCZAK, J. *Im Hayeled* (Com a criança). Israel, 1974.

GADAMER, H.G. *Verdade e método I Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Trad. Flávio Paulo Meurer. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes e São Francisco, 2004.

Rosemberg, P. *Hitmodedut Hakhazutit im Zicaron Hashoa 1945* (Como lidar com a memória visual do Holocausto 1945). Disponível em: <<http://74.125.47.132/search?q=cache:su1LvbQjo8J:www.amalnet.k12.il/sites/art/articles/artc0007.rtf>>.

SCHALIT, G. *Keschehakarisch Vehadag Nifgueschu Larischona* (Quando o tubarão e o peixe se encontraram pela primeira vez). Israel: H.S. Halfi Ltd., novembro de 2007. Planejamento e Produção: Lee Rimon e Itzhak de Lange - The Edge Gallery, Naharia, Israel e Yael Schakhar Sarid e Noga Schimmel - Israel Association of Illustrators.

UNTERMAN, A. *Dicionário judaico de lendas e tradições*. Trad. Paulo Geiger. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.